



**Rede CFES**  
Formação e Assessoria Técnica  
Sudeste

## Relatório de Atividades Formativas Projeto Rede CFES-Sudeste

### 1. Identificação do Convênio e Atividade:

<b>Título do Projeto:</b> CENTRO DE FORMAÇÃO E APOIO A ASSESSORIA TÉCNICA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA – REDE CFES/SUDESTE	
<b>Número do Convênio:</b> (775193/2012)	<b>Nº Processo:</b> (47975.000624/2012-15)
<b>UF:</b> São Paulo	<b>Município:</b> São Paulo
<b>Meta:</b> 3	<b>Etapa:</b> 3.1
<b>Carga Horária Prevista:</b> 16h	<b>Participações Previstas:</b> Carlos Henrique Nicolau Cleberson da Silva Pereira
<b>Atividade:</b> Oficinas locais/territoriais	
<b>Data:</b> 18 e 19 de junho 2015	

### 2. Organização e acompanhamento:

<b>Como foi o processo de organização da atividade ? Houve participação do Coletivo estadual de Formação ?</b> A oficina foi preparada com representantes do MNCR e do coletivo estadual de formadores
<b>Entidade parceira responsável pela execução estadual:</b> NESOL-USP
<b>Nome da pessoa responsável pelo relatório:</b> Ana Luzia Alvares de Laporte
<b>Nome do(a) representante do IMS que acompanhou a atividade:</b>

### 3. Situação de desempenho do projeto quanto aos beneficiários (previstos e alcançados):

Características dos Beneficiários	Nº Previsto		Nº Alcançado			
	Direta	Indireta (x 4)	Direta		Indireta (x 4)	
Pessoas Físicas	Nº	Nº	Nº	%	Nº	
	Homens	12	48	8	44,4	32
	Mulheres	15	60	10	55,6	40
	<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>108</b>	<b>18</b>	<b>100</b>	<b>72</b>
Coletivos e organizações	Direta	Indireta (x 4)	Direta		Indireta (x 4)	
	Nº	Nº	Nº	%	Nº	
	Empreendimentos econômicos Solidários (EES)	25	100	16	88,8	64
	Outras (Entidade de Apoio e Fomento, Órgãos Governamentais)	2	8	2	11,2	8
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>108</b>	<b>18</b>	<b>100</b>	<b>72</b>	

Famílias beneficiadas pelos EES	Direta	Indireta	Direta		Indireta
	Nº	Nº	Nº	%	Nº
Famílias beneficiadas pelos EES	Não se aplica		Não se aplica		
<b>Total</b>					

#### 4. Sobre o conteúdo da atividade formativa

<b>Objetivo da atividade:</b> <i>Articulação do MNCR com a economia solidária</i>
<b>Temática da atividade:</b> <i>Formação em Redes e Logística Reversa</i>
<b>Coordenação da Atividade:</b> <i>Coletivo Estadual de Formação</i>
<b>Houve colaborador (a) / assessor (a) convidado (a):</b> Carlos Henrique Nicolau e Cleberson da Silva Pereira
<b>Descrever a programação (passo a passo)</b>

Dia 18/06/2015	
<b>8h30</b>	<b>Café da manhã</b>
10h00	Apresentação das pessoas
10h20	Apresentação objetivo da Oficina e do CFES
10h30	O trabalho em Rede
<b>12h30</b>	<b>Almoço</b>
13h30	Experiência Rede Zona Sul e Banco Comunitário Jardim Maria Sampaio
15h30	Lanche
15h45	Debate

Dia 19/06/2015	
<b>9h00</b>	<b>Café da manhã</b>
10h00	Mapeamento dos territórios de comercialização
10h30	Discussão sobre mapeamento dos territórios
<b>12h30</b>	<b>Almoço</b>
13h30	Discussão logística reversa
15h30	Fechamento

#### **Relato do que ocorreu na atividade (passo a passo):**

18/06

##### **1. Discussão sobre Redes mediador: Roberval**

O tema é um desafio, para os catadores e também para o governo que tem investindo na autonomia das redes.

O mercado da reciclagem é um mercado forte e os interesses de vários empresários aumentaram depois da política nacional. Há uma pressão grande por privatizar o lixo, outra pressão está relacionada às incinerações.

Há uma grande dificuldade de vender o material e vendê-lo bem. Há um conflito entre as próprias empresas de reciclagem, mas estão sempre unidos em suas associações, que se articulam para dominar o mercado e também usam as fragilidades das redes para dividir os catadores e atrapalhar o trabalho.

Uma das fragilidades está relacionada à uma consciência de todos os catadores, de quem está na base, de entender os conflitos e jogos de interesses da conjuntura.

O objetivo do trabalho de rede não é difundido com todas as pessoas em suas cooperativas. Há também muita difamação do trabalho das redes, muitas vezes por conta deste processo de aprendizado de como lidar com a rede. Por exemplo, quando há algum atraso, ou dificuldade, as pessoas já começam a difamar, não buscam entender para superar as dificuldades.

A rede não existe só por conta da comercialização, de agregar valor, mas também de criar uma força de trabalho forte para sair do jogo de manipulação dos aparistas, das grandes corporações.

O desafio coletivo é fazer uma boa catação para vender a um bom cliente, que nem sempre é o que paga mais.

O ideal da rede precisa estar enraizado nas bases, para influenciar a forma de gestão e ação, para que também não haja desvios do objetivo.

Outro ponto da questão de comercialização em rede é a própria comercialização. Há uma disputa muito grande no mercado, principalmente em SP. Em cada esquina tem um aparista, tem grandes indústrias, ferro-velho, etc.. Muitas cooperativas conseguem vender para a indústria final, ou para os aparistas (sucateiros) sem precisar passar por um processo de rede. Na ponta vemos que as necessidades são grandes, mas isso fragiliza a rede. Muitas vezes, a cooperativa está vinculada aos compradores, que oferecem algumas vantagens, dão umas cestas básicas. Assim, a necessidade imediata fala mais alto.

As políticas públicas também, muitas vezes, não fortalecem as redes, sobretudo em relação as políticas municipais.

A rotatividade das pessoas nas cooperativas também é muito grande e dificulta desenvolver um trabalho de base.

As mesmas pessoas que fazem propostas (ofertas de compra dos materiais) para as redes, também vão às bases fazer as mesmas propostas.

Tivemos alguns avanços, principalmente no campo da negociação. Sobretudo: logística reversa e prestação de serviços. O empresariado está chamando as redes para conversar, mas as negociações estão ainda lentas (o empresário não quer ajudar as redes, mas tirar vantagens – e o tempo das redes também é mais lento). A prestação de serviços também está avançando, apesar de que muitos gestores ainda tem um discurso de que estão dando o material, a estrutura, etc...

É importante pensarmos um processo de formação de rede, imaginando onde queremos estar daqui há 5, 10 anos.

Os empresários estão se reunindo todos os dias, enquanto os catadores estão mais preocupados com o imediato. Muitas vezes encaramos os companheiros como inimigos e não os empresários como inimigos.

## **Debate**

É importante entender o mercado e como fazemos parte dele, por exemplo, o que a alta do petróleo tem haver com o preço da garrafa pet que comercializo?

Temos situações diferentes na cidade de São Paulo e na grande SP.

Um dos nós da criação de redes é o capital de giro, porque ninguém pode demorar 60 dias para receber. A questão do atraso do pagamento é um grande conflito dentro da própria cooperativa, não só na rede.

Só é interessante estar em rede se trazemos um recurso maior para dentro da cooperativa. Uma das dificuldades de trabalhar em rede é que esta precisa oferecer algum benefício. No passado, quando pensamos em rede, era para acumular mais produtos (dar quantidade e qualidade) e vender melhor – não dá pra trocar seis por meia dúzia. Nesse sentido, a rede também pode auxiliar para valorizar o produto, fazer o beneficiamento.

Antes de brigarmos para fortalecer a rede, precisamos fortalecer o movimento. No município estão querendo tirar os caminhões da coleta.

Trocar seis por meia dúzia, para alguns pode não fazer diferença, mas para outros faz. A rede fortalece os pequenininhos que estão a mercê do ferro-velho.

Atualmente a rede já dá benefícios (não troca 6 por meia dúzia), já consegue um preço muito bom em alguns materiais.

Mas pra essa comercialização precisamos fazer uma triagem melhor. Isso ainda é um grande desafio, por exemplo para comercializar para a Suzano.

Um dos maiores desafios é o entendimento. Os empresários não conhecem nada dentro da logística reversa. No ABC tem faltado material para as cooperativas trabalharem. O poder público está comercializando direto com o ferro-velho.

Para a rede ser boa é preciso mais união, precisamos de um comitê unido para fortalecer as bases.

A adequação à lei do cooperativismo também é um novo desafio. A Cooperativa Cooperação já recebeu uma ação trabalhista.

O movimento está muito parado e as bases estão morrendo. No ABC a retirada é baixa, falta material, pois está sendo desviado pela própria prefeitura. É preciso ter uma lei que obrigue o estado a fazer a coleta. Temos visto no jornal a questão do consumo, que está se reduzindo. Muitas cooperativas não tem documentos para acessar os contratos com as prefeituras e a logística reversa.

No ABC as cooperativas se unem para brigar com o poder público, apenas um grupo não participa, porque o poder público não deixa.

Precisamos não depender do poder público.

A partir da articulação em rede é possível ter o poder da barganha, pra isso precisamos de planejamento estratégico com determinado material.

Em Sorocaba 7 redes foram à Flasco para fazer uma articulação, mas ela não avançou. Será que quem está nas bases sabe que o material que está sendo trabalhado pode ter um valor bem melhor? Neste caso, os representantes passaram informação errada para as cooperativas.

Na rede falta transparência. Entre os catadores existem muitas coooperatas formadas por donos de ferro-velho.

O movimento mudou muito desde 2000. Atualmente são 21 cooperativas conveniadas e outras muitas que não estão. O movimento precisa fazer essa diferenciação entre quais são as cooperativas de verdades e as outras, porque todas estão pegando recurso do BNDES com carta do MNCR.

Para fortalecer as redes é preciso algumas coisas como: melhorar o material e sistematizar/ socializar informações.

Falta que as cooperativas se sintam donas de suas redes. Muitas tem como objetivo vender para a rede e não agregar com ela. Precisamos fazer uma formação continuada nas bases que dê conta da sazonalidade.

### **Apresentação União Popular de Mulheres, Banco Comunitário Jd Maria Sampaio e Rede Zona sul**

*“O Banco Comunitário oferece serviços financeiros e bancários gerenciados pela comunidade, fazendo com que estes serviços além de mais acessíveis sejam um instrumento de organização e estímulo ao desenvolvimento local.*

*A atuação do banco se dá de forma integrada com a produção e o consumo local, pois é formulado a partir de linhas de crédito produtivo e de consumo, levando em consideração critérios de análise de crédito que contemple a realidade local.*

*Os créditos em consumo são concedidos em moeda social sem juros, de forma a propiciar uma sinergia entre os créditos produtivos concedidos e os créditos de consumo.*

*A aprovação dos créditos solicitados ao banco ocorre com o aval das pessoas da comunidade, que conhecem quem está solicitando o crédito, e com a participação dos trabalhadores do banco no Conselho de Análise de Crédito (CAC).*

*Os trabalhadores do banco são integrantes da própria comunidade ou vivem na localidade, o que gera uma outra forma de atendimento, mais humana e pessoal, diferente do atendimento dos bancos convencionais.*

*Um diferencial destes bancos comunitários é que a gestão é feita por uma associação local conjuntamente com a comunidade, por meio da criação de um conselho gestor e da realização de fóruns periódicos.*

*Características do Banco Comunitário:*

1. *É a própria comunidade quem cria o banco, tornando-se gestora do mesmo por meio de uma associação local.*
2. *Financia a produção e o consumo local, promovendo o desenvolvimento da comunidade.*
3. *Fomenta o desenvolvimento do comércio local e da economia popular.*
4. *Atua em territórios caracterizados pelo alto grau de exclusão social”.*

### **Discussão**

O banco está voltado para público caracterizado pelo alto grau de vulnerabilidade social. Ele busca articular os empreendimentos da economia solidária, com enfoque na cultura. Cultura em um sentido amplo. Atualmente o mercado de trabalho padroniza as pessoas, tira a cultura delas.

O banco é abrigado pela União Popular de Mulheres, que existe desde 1987 e, atualmente, tem uma rede de ações que visam proteger as mulheres.

O Banco oferece diferentes tipos de crédito. O que tem maior saída é o crédito cultural.

Outra iniciativa é a Carteira Fidelidade, o Investa Sampaio e o Título de capitalização não estão sendo feitos, pois o Banco Palmas teve problemas, por conta de ser proibido fazer poupança (é um monopólio dos bancos).

No Espírito Santo tem um grupo chamado Verde Vida que troca material reciclado por alimento. Porém, o capitalismo já está se apropriando desta ideia. Uma empresa da marca Kreel colocou um contêiner no Capão Redondo, no qual as pessoas colocam o material reciclado e podem trocar por produtos da marca Kreel. Eles estão ao mesmo tempo fazendo a responsabilidade social e adestrando as pessoas para consumirem seus produtos.

Apresentação de outras iniciativas articuladas ao Banco: Observatório Popular de Direitos e Agência Popular Solano Trindade. A segunda possui uma Plataforma para identificar agentes culturais da periferia e possibilitar as trocas de trabalho. Esta possui as seguintes ações: Empréstimo produtivo cultural, Fundo de Fomento à cultura e escrita coletiva de editais e parcerias

Atualmente desenvolvem o projeto Redes, que realiza assessoria à 40 empreendimentos na zona sul.

O trabalho comunitário leva um tempo, precisa de paciência para construir. A UPM tem um trabalho de 27 anos, saiu da questão da violência e agora está mais voltado para a cultura.

Um dos grandes problemas levantados de manhã foi a falta de capital de giro. A experiência do Banco Comunitário vem como uma possibilidade. Porque não o MNCR ter um banco também?

**19/06**

### **Informes**

- Ygor conta que está desenvolvendo um aplicativo de mapeamento das cooperativas de reciclagem e dos compradores. Pede o contato das cooperativas presentes para compor o aplicativo. Uma das questões é que tipo de informação pode ser socializada de forma aberta e que informações são mais importantes de ficarem restritas às redes. Outra questão é a alimentação constante dos dados, a possibilidade de fazer uma bolsa online de compras
- Ygor também está desenvolvendo um jogo de computador relacionado à reciclagem
- Participantes contam histórias de coisas que encontram nas cooperativas: i-fone de 6 mil reais, uma granada (o GAT foi na cooperativa para pegar a granada), feto, documentos, drogas, dinheiro, jóias.

### **Elaboração do mapeamento da comercialização das cooperativas**

O mapa tem os seguintes objetivos:

Entender aonde estão as cooperativas e onde estão os compradores

Os participantes marcam as cooperativas no mapa e seus compradores

### **Discussão**

O mapeamento ajuda para criação dos contatos, ajuda a articular para não ficarem reféns dos aparistas.

Precisamos avançar em uma rede virtual de informação, tanto das cooperativas, como dos compradores e do preço dos materiais.

Poucos compradores são Indústria:

- Alto Tiete – Gerdau e Suzano (não estão mais comprando)
- ABC – PAPIROS

A dificuldade de vender para a indústria é porque demoram de 15 a 20 dias para comprar, não pagam a vista. Conseguem vender a sucata em rede, porque demoram só dois dias para pagar.

O capital de giro também é difícil administrar.

É importante calcular também os custos da rede.

É a base que fortalece a rede.

É preciso um estudo de viabilidade econômica para trabalhar com o capital de giro.

É preciso capacitação continuada sobre a questão de rede. A formação precisa ser nas bases, não somente para as lideranças.

Os companheiros nas bases só querem saber do pagamento. A formação interna das cooperativas parou porque não têm tempo e é difícil por conta da grande rotatividade, as pessoas novas não conhecem do trabalho, nem a forma de trabalhar em cooperativa (sem patrão). A formação continuada também precisa ser no sentido de mostrar aos cooperados a importância da continuidade nas cooperativas.

As pessoas antigas também são difíceis, muitas vezes, desanimam quem tá entrando.

Muitas vezes; os cooperados se acomodam e param de fazer a triagem quando acham que já triaram o suficiente (pensando no valor que querem receber). Pensam só individualmente e não no crescimento da cooperativa.

Seria bom se cada cooperativa tivesse um setor de formação.

Nos mapas vemos que alguns compradores são comuns, por exemplo, a Dutrapel em Guarulhos.

Não detemos o preço de mercado dos materiais, que também é determinado pela estrutura econômica, mas nós detemos o material.

É importante usar as novas formas de comunicação, atualmente todos estão usando wats up, é importante usar essas ferramentas.

Atualmente a consciência em relação à sustentabilidade e reciclagem está aumentando.

Todas as cooperativas tem, no mínimo 1 assembleia no mês. No ABC tem uma lousa, que podemos colocar todas as informações, mas ninguém das cooperativas está usando. Em várias cooperativas os cooperados não sabem o preço dos materiais.

Para fazer a formação é importante captar recurso, mas, muitas vezes, podemos fazer as coisas sem usar dinheiro. Podemos fazer trocas entre as cooperativas. Não temos dinheiro, mas temos conhecimento sobre a área.

Precisamos chamar uma reunião da estadual.

Precisamos fortalecer os comitês, sem eles não temos bases.

### **Questões e encaminhamentos**

Como compartilhar o trabalho da oficina?

- Analu enviar resumo da oficina para as Redes e as lideranças passarem o conteúdo para as bases

Como dar continuidade ao mapeamento das redes e compradores?

- Enviar os contatos para Ygor colocar no aplicativo

Como fazer a formação das bases?

- Ver com as redes a demanda de captar recursos para a formação de base, viabilizar também a troca entre cooperativas.

### **Formação Logística Reversa**

#### **1. Apresentação dos participantes – rodada em que cada um conta sua história de vida**

- Andréia – estudou direito, mas trabalhava com preparação de mulheres grávidas. Foi para Alemanha em 2005 e lá estudou a legislação para catadores de lá e do Brasil. Atualmente, está na CIRCUS e trabalha com a implementação da logística reversa.
- Davi – cooperativa Nova Esperança. É do sertão da Bahia, veio em 1979 para SP. Teve muitas dificuldades, em 1990, com o plano Collor seu pequeno comércio faliu e ficou com o nome sujo. Começou a trabalhar na catação em 2007.

- Ricardo – formado em marcenaria, em um projeto do Grajaú, assim conheceu a reciclagem. Viu que não tinha nada haver com a marcenaria e começou a pegar gosto pela reciclagem.
- Ygor – Sua mãe é uma das lideranças do movimento, mas seu trabalho com a reciclagem é recente. Trabalhava com uma indústria e faziam a troca de geladeiras na casa das pessoas, conheceu todo o Brasil. Está na Cooper Viva Bem.
- Carlos – catador há 12 anos, de Arujá da Coora. É militante do MNCR há 8 anos. Faz parte da equipe metodológica do CFES.
- Bruna – conheceu a cooperativa porque a mãe, o irmão e sua tia entraram na cooperativa Coora. Começou na mesa de triagem, passou por todas as etapas. Atualmente é a nova presidente.
- Armando – Começou no trabalho de base com jovens da igreja. Militou no movimento estudantil. Com a crise dos anos 90, puxou carrinho por 2 anos, ficou com problema na coluna e começou a catar só latinha. Participou da I Expo catadores e também participou de um curso em 2010. Formaram a primeira cooperativa de catadores avulsos em Mauá, a Coopercata. Participa do movimento de economia solidária.
- Francisca – “Eu tinha vergonha, mas hoje tenho grande orgulho de ter passado por tudo o que passei”. Morava no Piauí, foi mãe solteira de 2 filhos. Em SP trabalhou no antigo lixão do Alvarenga, não conseguia quase nada. O ministério público denunciou o lixão e o processo de fechamento do lixão foi longo, vinha gente de muitos lugares para catar lá. Esse lixão foi fechado em 2001. Se organizaram em cooperativa e a partir daí começou a estudar. Com a cooperativa participou das primeiras mobilizações contra a incineração e, por isso, sofreram muita pressão e represálias do prefeito.
- Elza – Faz parte da cooperativa Cruma (Poá), é mineira e veio para SP fazem 40 anos. Entrou na cooperativa porque ficou doente, precisava trabalhar e foi aceita na cooperativa. Lá se identificou. Atualmente é a coordenadora da cooperativa.
- Iranilda – coordenadora de mesa da Novacoop (ABC). Conheceu a reciclagem quando ficou doente, não estava bem dentro de casa. Vai sair da cooperativa e está triste por isso. A partir da reciclagem também começou a trabalhar com artesanato.
- Marquinhos – Catador de materiais recicláveis há 15 anos, pertence à Cooperativa Cruma de Poá. Sua mãe e outros companheiros começaram a catar papel na rua. Ele e outros filhos tinham vergonha. Os pais entraram no projeto de capacitação solidária que era um curso para que os jovens compreendessem o trabalho do catador, isso foi em 2000. Acabado o curso foi convidado para fazer uma espécie de estágio na cooperativa. Conseguiu casar graças ao movimento, pois a Cruma tinha um bloco carnavalesco feito com materiais recicláveis, para divulgar o trabalho na comunidade e conheceu a esposa neste trabalho.
- Maria Rita – É do interior de SP, Martinópolis. Fez psicologia, na graduação começou a trabalhar com os catadores e deu sequência a esse trabalho na CIRCUS.
- Egilda – Cooperativa Nova Esperança. Era dona de casa e começou a trabalhar na Cooperativa
- Andreia – Está há 4 anos na Cooperativa Nova Esperança
- João – Começou a trabalhar com economia solidária em 2009, na ITCP-USP e começou a trabalhar com os catadores em 2010, a partir do projeto 004, que depois virou Cata-Rua. Atualmente, trabalha na CIRCUS, com a temática da Logística reversa.

## 2. Histórico CIRCUS

Organização de formou paralelamente à organização do movimento de catadores em Assis. Se formou em 2001, com os estudantes de psicologia que buscavam realizar ações de intervenção no território. No mesmo ano se deu o início da formação da COOCASSIS.

A Circus, desde o início trabalha em duas frentes: sócio-cultural e sócio-ambiental.

Em 2003 nasceu o comitê do Oeste Paulista, vinculado ao MNCR.

A partir de 2008, ela auxilia a construção de planos da gestão de resíduos em Assis. Em 2009 iniciou os trabalhos com responsabilidade pós consumo, que posteriormente se estenderam para o Rio de Janeiro, abrangendo também o interior e a região metropolitana de SP.

Atua em 35 municípios com esse trabalho sócio ambiental.

Seguem também com o trabalho na vertente cultural, a partir da atuação em um ponto de cultura e de outros projetos, como a organização da “Mostra o lixo”.

### **3. Conceito da Logística reversa**

*Definição do conceito de logística reversa, identificando o papel histórico dos catadores neste processo*  
*O que é logística reversa?*

*Falas das pessoas:*

- Perverso – trabalho
  - não pagamento digno pelos serviços prestados
  - necessidade de calcular o preço do serviço – as etapas
- indústria
- retorno – quando acaba a vida útil
- forma de apoio – indústria

*Apresentação da Lei 12.305/2010 de Logística Reversa*

*Esta define Responsabilidade compartilhada*

- *poder público*
- *consumidores*
- *empresários (indústria e distribuidores)*

Portanto se ela não ocorrer os catadores não podem ser responsabilizados.

Em 2010, 25% da parcela seca de materiais reciclados foi recuperado. Quem faz este trabalho são os catadores

Portanto, atualmente, 31,9% de todos os resíduos são recuperáveis, mas destes apenas ¼ são reciclados. Porque?

No processo da logística reversa as cooperativas fazem os seguintes trabalhos: coleta seletiva, triagem e primeiro beneficiamento (fardo), comercialização e beneficiamento (processo industrial).

O serviço público está dentro dos seguintes processos: disponibilização para a coleta seletiva, a coleta seletiva e triagem e primeiro beneficiamento.

Em muitos municípios as prefeituras não está deixando as cooperativas fazerem a coleta, então é pouca a quantidade de material que chega às cooperativas. Esse caso acontece, por exemplo, em São Bernardo.

Em relação ao lixo eletrônico, tudo o que tem valor é vendido diretamente às grandes empresas e não passa pelas cooperativas. Esses materiais também são perigosos.

*Experiência de Outros Países*

*Alemanha*

link do filme: Goldgrube: das Geschäft mit unserem Müll ( Mina de ouro: o negócio com o nosso lixo)

<https://www.youtube.com/watch?v=D6aSREWxdp4&index=2&list=PLaFXfpwKLQOQA0UOltzOrkMQ-wgLcgeNa>

Os municípios são responsáveis pelos papéis e plásticos

Toda a indústria paga uma taxa, para que uma empresa privada faça o recolhimento.

As pessoas levam os materiais para os pontos de coleta e também há a coleta porta-a-porta.

Todo o setor de coleta está concentrado nas mãos de 3 ou 4 grande empresas.

Apresentação de filme – empresa Alba

1 tonelada de PP custa 230 euros. Assim, como no Brasil, só a venda do material não paga o trabalho de coleta, triagem e fardamento.

*Uruguai*

Lei de envases – prefeitura é responsável pelo manejo de resíduos sólidos.

Se criou o consórcio de La Plata, uma sociedade que é responsável pelo sistema.

A empresa pega os materiais nos PEVs e leva os materiais para as plantas, aonde trabalham os catadores (é

proibido a catação na rua). O material que está chegando é de péssima qualidade e o que é de qualidade vai direto para o atravessador.

Fizeram um sistema de venda garantida, o que fez com que o valor dos materiais diminuísse. Os catadores ficaram confinados no beneficiamento e triagem, perderam a coleta e comercialização, portanto, perderam a autonomia em relação ao objeto de trabalho.

### Brasil

As indústrias estão reunidas e será feito um acordo setorial nos âmbitos municipal, estadual e federal. O acordo municipal não pode ter coisas a menos que o acordo nacional, pode ter coisas a mais.

O movimento está participando com 2 representantes do acordo setorial com o ministério do meio ambiente. Atualmente, não se fala em pagamento do trabalho dos catadores, mas, somente de equipamentos, capacitação e PEV.

Existem as organizações que estão sendo feitas nos comitês, se um dos estados consegue se articular para garantir o pagamento, os outros estados também podem conseguir. São Paulo e Minas Gerais estão mais avançados nesta articulação.

É preciso fazer a pressão na Cetesb para reivindicar o pagamento.

Existem municípios que ainda não tem nenhum tipo de ação relacionada à logística reversa.

No Oeste Paulista a Circus trabalha com a Coopercoop, junto a seis catadores - formadores. Para fazer esse trabalho de formação de catador para catador é preciso uma formação permanente.

As grandes ciladas dos consórcios, das PPP é acontecer o que ocorreu no Uruguai. A partir do fortalecimento da Rede é que é possível negociar.

Esse consórcio irá beneficiar, principalmente, as cooperativas que estão em locais que a coleta não está estruturada.

## ***Descrever as místicas e técnicas participativas utilizadas:***

### **5. Avaliação dos participantes:**

#### **Avaliação:**

Cada um ascende um fósforo e fala *o que precisa ser melhorado na formação*, até que o fogo se apague.

- melhor organização do tempo
- mais concentração
- organizar a conversa
- mais companheiros para participarem do debate
- pouco tempo e muita coisa pra falar
- mais dinâmicas
- melhorar a forma de apresentação no quadro
- ter mais oficinas, de mais dias
- muito tempo nas apresentações
- faltou mais conversas
- a Circus poderia participar do evento como um todo
- repetir a oficina outras vezes
- faltou tempo

#### **Encaminhamentos:**

- Analu enviar resumo da oficina para as Redes e as lideranças passarem o conteúdo para as bases
- Analu enviar os contatos da oficina para Ygor colocar no aplicativo
- Cata Sampa e Coopcent ABC verem com as redes a demanda de captar recursos para a formação de base, viabilizar também a troca entre cooperativas.

## 6. Avaliação da Entidade Parceira Estadual:

<b>Houve dificuldades na execução da atividade ?</b> Não
<b>Foram adotadas soluções para superar as dificuldades?</b>
<b>Quais as soluções adotadas ?</b>
<b>Como avalia a infraestrutura ?</b> Estrutura adequada para a atividade
<b>Como avalia a participação das pessoas ?</b> Foram muito participativos os integrantes da Oficina
<b>Como avalia a relação com o Coletivo/Rede Estadual de Educadores/as ?</b> O Coletivo (representantes) participou ativamente do planejamento e execução da oficina
<b>Comentários e sugestões:</b>

## 7. Sobre os produtos instrumentos de gestão do Projeto relativo à esta atividade (Ficha de Inscrição, Ficha da participante, Lista de Presença, Modelo de Relatório, Declaração que não possui vínculo com o Poder Público, Declaração do participante (Gestor Público) que não está recebendo diárias para o evento e Autorização de Uso de Imagem):

<b>Foram entregues todos os instrumentos? Comente/justifique:</b> Sim
--

## 8. Imagens (inserir algumas fotos da atividade):





**Observação:** ao final colocar o documento em PDF

**Parceria**



**Realização**



Secretaria Nacional de  
**Economia Solidária**

Ministério do  
**Trabalho e Emprego**

